

*Estudos Literários & Comparados***CORPO SILENCIADO: SOLIDÃO E ABANDONO  
NO CONTO “A MORTE DA VELHA”, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA***Catherine Santana Souza\**

**RESUMO:** A literatura de autoria feminina brasileira, silenciada historicamente, redefine a representação do corpo feminino envelhecido através das políticas corporais que desarticulam o viés universalizante e totalizador, empreendido pelo cânone literário. A partir da análise do conto “A morte da velha”, que integra a obra *Ánsia eterna* (1903), de Julia Lopes de Almeida, localizada no final do século XIX e início do século XX, examinaremos a condição feminina, e a velhice imbricada às questões de gênero. Como aporte teórico utilizaremos os estudos sobre a velhice: (BEAUVOIR, 1990); (DEBERT, 2012); os estudos de gênero (BUTLER, 2010) e a crítica literária feminista (SCHMIDT, 2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo envelhecido; autoria feminina; relações de gênero.

**Introdução**

A imagem do corpo feminino é comumente representada na literatura, geralmente sacralizado por sua capacidade de reprodução, exaltado por sua beleza ou mesmo erotizado pelo viés do olhar masculino, e por conseguinte, subjugado aos efeitos do dualismo cultura/natureza. Todo o imaginário construído em torno do corpo feminino, foi produzido a partir de um constructo simbólico que é reproduzido nas sociedades capitalistas, por diversas gerações. Acreditamos que a literatura de autoria feminina brasileira, silenciada historicamente, promova uma desestabilização dessa imagem de docilidade, através da representação de experiências que redimensionam a subjetividade e a corporalidade, pondo sob rasura a normatização do gênero, raça, classe e idade, colocando o corpo no centro do debate político, constituído culturalmente.

A ideia que se constituiu sobre o corpo feminino no Ocidente impôs sobre a mulher a condenação do silêncio e um caminho tecido sob a névoa de desassossegos e normatizações que ditaram regras e a colocaram na obscuridade por séculos. O silêncio que se produziu sobre o corpo feminino foi resultado de um processo histórico de colonização do corpo por práticas discursivas da filosofia e das ciências naturais que impuseram conhecimentos

---

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Mestre em Letras pela Uesc. Bolsista CAPES.

atrelados à ideia de um corpo prescrito pela natureza, inerte e passivo, constituído biologicamente. Idealizado pelos valores morais, e atravessado por normatizações, o corpo foi condicionado a uma subordinação devido à constituição binária de dois sexos: o masculino e o feminino. As transformações que decorrem ao longo dos séculos, contudo, possibilitam que novas concepções corporais sejam discutidas a partir de uma releitura na historiografia que impulsionam a inserção e a reinterpretação da mulher no cenário social. O corpo ganha um novo status a partir das teorias feministas que passam a discutir o corpo e o obscurecimento com que ele fora concebido até então.

Susan Bordo (1987) considera o corpo como um texto da cultura, visto que os discursos que pairam sobre ele o transformam num importante forma simbólica atravessado pelos regulamentos, valores, hierarquias, práticas sociais e os investimentos metafísicos de uma cultura. Ainda para Bordo (1987), a normalização do corpo feminino, numa perspectiva histórica, é a única forma de opressão que permeia questões de idade, raça, classe, orientação sexual, e essa estratégia precisa ser reconhecida como uma tentativa de controle social. Exercida através de uma ideologia esse é um meio de conhecimento produzido na própria estrutura, no dualismo. Onde há dualismo, há uma posição binária donde existe privilégio de um termo sobre outro, se há hierarquia, necessariamente haverá controle.

As epistemologias ocidentais, que se inscreveram historicamente, fundamentaram suas verdades sobre pares de oposição que reproduziram exclusões, não apenas ao corpo feminino, mas a toda a alteridade que destoava do modelo instituído. Tais epistemologias não contemplaram o corpo envelhecido feminino, o corpo negro, o corpo transexual, pois sempre esteve a serviço da reprodução dos modelos europeus que não reconhecem a diversidade de corpos e tentam silenciar todos aqueles que não coadunam com o modelo instituído. Para Rita Schmidt (2017) a literatura, enquanto instituição que produz historicidade, e um campo simbólico, reflete o pensamento hegemônico e reproduz em seu discurso a ideologia dominante. Nela, a imagem do corpo feminino é representada sob o domínio de códigos que permitem que dele se fale e garante, ao mesmo tempo que se imponha sobre ele o mutismo que marca a feminilidade.

A releitura revisionista, da historiografia literária brasileira, surge da necessidade de questionar os valores consagrados pelas obras canônicas e sua influência no comportamento e nas relações sociais. Sobre o trabalho de releitura, realizado pela crítica feminista, que consiste não apenas em examinar o silêncio e as lacunas produzidas pelo cânone, Simone Schmidt (2009) explica que o trabalho é delineado: “trazendo a luz do dia os trabalhos de escritoras que ficaram à margem da instituição literária, mas ainda empreenderam um trabalho

teórico de grande importância, que é o de indagar e, em certa medida, desconstruir o próprio cânone” (SCHMIDT, p.14, 2019). Tal projeto ganhou visibilidade em meados dos anos 80, do século passado, quando um grupo de pesquisadoras se mobilizaram em torno da proposta de retirar da sombra as escritoras esquecidas. Segundo Constância Duarte (2009), esse trabalho, que consiste numa busca da memória cultural, torna-se ainda mais difícil, num país que não cultua a memória.

Essa “falta de memória” relacionada as convicções estéticas, desvelam os valores ideológicos reproduzidos pela historiografia literária, cujos fundamentos estão a serviço de uma estrutura que constituem os paradigmas tradicionais. Concordamos com Terry Eagleton (1983), para quem a ideologia não é apenas as crenças que têm raízes profundas, e geralmente inconscientes, mas “os modos de sentir, avaliar, perceber e acreditar, que se relacionam de alguma forma com a manutenção e reprodução do poder social” (EAGLETON, p.16, 1983).

A recusa ao apagamento histórico e a objetificação da mulher na literatura constitui as noções para a reinterpretação do passado, e dessa forma uma inscrição na história literária, permitindo que a imagem da mulher e sua condição sejam discutidas à luz da sua pluridimensionalidade. Essa é uma perspectiva da crítica feminista, cujo interesse está centrado no estudo da mulher como escritora, segundo Elaine Showalter (1994): “seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres” (SHOWALTER, 1994, p.30). Elaine Showalter classificou como *ginocrítica* essa concepção da crítica feminista que possibilita diversas oportunidades teóricas, colocando a escrita feminina no centro do debate literário e redefinindo a natureza do problema teórico que condiciona a análise a partir das teorias críticas masculinas em que o conceito de criatividade, história literária ou interpretação literária está circunscrita a experiência masculina, apresentada como universal.

A autoria feminina ao rasurar os modelos convencionados, como a imagem do corpo feminino, reconfigura a perspectiva da velhice feminina, questionando a ideologia dominante, abordando as imposições sobre o corpo da mulher idosa que o coloca como um fardo e um objeto, um corpo silenciado pelo abandono e a solidão da família. Para Grosz (2000), a opressão do patriarcado justifica-se, em parte, pela vinculação que faz da mulher ao seu corpo, muito mais do que os homens, e através dessa relação limita os papéis sociais e econômicos das mulheres a termos (pseudo)biológicos.

À vista disso, as vozes marginalizadas dos corpos silenciados, ganham relevo nos contos das escritoras brasileiras, como Julia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora que conseguiu transpor a desigualdade de gênero no meio literário, e enunciou através de sua escrita, vozes dissonantes que questionam a ideologia patriarcal e denunciam o silêncio e a exclusão

das escritoras e das mulheres representadas por suas personagens que discutem as experiências femininas como a o abandono e a solidão na velhice. Dessa forma analisaremos o conto “A morte da velha” (1903) de Julia Lopes de Almeida. O conto evoca como os conflitos advindos do abandono e solidão dispensados aos velhos, numa sociedade cujos indivíduos só têm valor enquanto produzem, revelam como as relações intergeracionais impactam negativamente na vida da mulher idosa, trazendo ao debate as questões da velhice imbricadas às questões de gênero.

### **Corpo envelhecido e literatura**

Num importante estudo sobre a velhice, Beauvoir, em *A velhice* (1990) propôs quebrar a conspiração do silêncio em torno do tratamento dispensado aos velhos pela nossa sociedade, afirmando que estudar a condição da velhice não é uma tarefa fácil, pois a imagem que se faz dela nas mitologias, na iconografia e na literatura, varia de acordo com os tempos e os lugares. “A história, assim como a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão nos seios das classes privilegiadas”. (BEAUVOIR, p.111). Sobre a velhice da mulher, a filósofa conclui que enquanto experiência pessoal a velhice concerne tanto aos homens quanto às mulheres, principalmente a elas que geralmente vivem mais, no entanto, quando se trata a velhice como objeto de especulação, considera-se primordialmente a condição do macho, porque são eles que são expressos pelos livros, pelos códigos, pelas lendas.

A velhice torna-se assim um aspecto corporal que parece estar mais relacionado às mulheres, visto que a reprodução – função na qual seu corpo é encerrado - cessa com a interrupção do ciclo ovariano e da menstruação, numa idade em que ela não pode mais ser fecundada. O preconceito ao corpo envelhecido, decorre, portanto, da associação que se faz da sexualidade feminina à capacidade de reprodução.

A ideia de que a velhice homogeneizaria as experiências vividas, ou que os problemas por quais os idosos passam são tão semelhantes que minimizaria as diferenças concernentes à etnicidade, classe ou raça é o que fundamenta o surgimento da gerontologia, como um campo específico de estudos, segundo Guita Debert (2012). Para a antropóloga duas grandes teorias dominaram os enfoques no centro do campo da gerontologia social, até o final da década de 60: a *teoria da atividade* e a *teoria do desengajamento*. A velhice, em ambas as teorias, consiste num momento de perdas de papéis sociais; nos dois casos há uma busca pela compreensão de como se dá a adaptação dos idosos a essa situação vista como perda e análise do grau de conformidade e o nível de atividade dos idosos.

Para a teoria da atividade, os idosos mais felizes seriam aqueles que encontram atividades compensatórias, permanecendo ativos, a outra teoria, contudo enxerga no desengajamento voluntário das atividades, a base para o bom envelhecimento. Essas teorias, portanto, não eram sensíveis a situação da mulher idosa, às subjetividades inerentes ao gênero, pois consideravam a velhice de forma homogênea. Embora essas duas teorias sejam consideradas ultrapassadas, pela gerontologia, o debate atual ainda é marcado por dois modelos antagônicos de se pensar a velhice. No primeiro modelo constrói-se uma ideia de pauperização e abandono em que o velho é submetido, e que a família seria a responsável por arcar com a situação. No segundo modelo, os idosos são apresentados como seres ativos, cuja capacidade de dar respostas originais aos desafios que enfrentam no seu dia a dia reconfiguraria sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos relacionados a velhice. Recorrer a esses modelos torna-se, assim, fundamental para compreendermos a velhice no contexto da atualidade. Debert (2012) confirma:

As revisões desses pressupostos apresentam uma série de dados que são fundamentais para pensar na experiência contemporânea. Entretanto, a imagem que projetam é ora de uma sociedade cujas formas de controle se fundamentam cada vez mais na idade cronológica, ora a de que caminhamos para uma situação em que as diferenças de idade tendem a ser apagadas e a velhice é, sobretudo, uma questão de autoconvencimento. (DEBERT, 2012, p.74)

Diante desses pressupostos, depreendemos que a imagem da velhice feminina se constitui pelo modelo de crenças que compõe o gênero (BUTLER, 2010), cuja formação, são instituídas pela estilização do corpo através de atos descontínuos que promovem uma ilusão de essência, ou seja, uma identidade construída, uma performance executada pelos próprios atores sociais, pessoas comuns. A identidade, aparentemente harmoniosa, forjada pelas instituições, é resultado da repetição contínua dos atos, que Butler (2010) nomeia como atos performáticos. Os atos performáticos consistem nos gestos corporais, movimentos e ações que concorrem para a constituição da identidade de um Eu atribuído de gênero.

O patriarcado aos instituir suas leis promove os efeitos de formação específica de poder através das categorias fundacionais de gênero, cuja repressão impossibilita enxergá-lo como efeito de instituições, práticas e discursos em que a origem é múltipla e difusa (BUTLER, 2010), desta forma, pode-se depreender que o sexismo e a gerofobia são opressões ininterseccionadas pela lógica dominante e reproduzidas pelas instituições, como a literatura. A imagem da velhice feminina, circunscrita ao modelo de mulher, na lógica da cultura dominante, por ser homogeneizadora torna equívoca as especificidades inerentes à identidade. Para Butler (2010):

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo

não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, p.20, 2010)

As sociedades ocidentais foram historicamente dominadas pelos homens, como aponta Beauvoir (1990), afirmando que as mulheres jovens e velhas podiam até disputar a autoridade no âmbito da vida privada, na vida pública, contudo, seu estatuto era o mesmo, eram eternas menores. A condição do homem, ao contrário, modificava-se com o tempo, cumprindo as etapas da vida como jovem, adulto e velho. Em conformidade com esse contexto é que imagem negativa da velhice feminina foi representada, sob violência, pelos poetas latinos, cuja aparência foi expressa de maneira hedionda:

Já que o destino da mulher é ser aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo; do mesmo modo que para certos primitivos, ao cair fora da condição humana, a mulher assume um caráter sobrenatural: é uma mágica, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (BEAUVOIR, p.152, 1990)

A literatura não está apartada da realidade, ao contrário, ela se nutre do mundo real refletindo e influenciando a ideologia na qual está inscrita. A elaboração do texto literário se dá por meio dos valores que se imbricam no contexto social em que está inserido, dessa forma, é que retrata os padrões de comportamento do patriarcado, como a imagem de docilidade da mulher, bem como sua capacidade de reprodução como uma condição inerente a sua existência e ao seu estar no mundo. Sobre essa imagem da mulher, geralmente delineada na literatura, entre os polos, de um lado a mulher-deusa em seus diversos aspectos e do outro a mulher-demônio, como origem de todos os males, Rita Schmidt (2017) afirma que

Idolatrada ou degradada, em seu papel natural ou erótico, estas imagens de mulher estão pautadas numa lógica de composição que aponta para uma curiosa amálgama da mulher desejada e da mulher negada, resultado de um processo complexo de simbolização, que traduz a sublimação dos desejos e impulsos contraditórios que a mulher inspira no homem e que a instalam na posição de outro (SCHMIDT, p.42, 2017)

A representação negativa da mulher idosa é expressa nos contos transcritos pelos irmãos Grimm que revelam a misoginia da Idade Média através das personagens de mulheres velhas, geralmente como um ser maléfico. “Se alguma vez pratica o bem, é que na verdade, seu corpo não passa de um disfarce – do qual se despoja, aparecendo como uma fada resplandecente de juventude e de beleza” (BEAUVOIR, p.168, 1990).

O estereótipo da mulher velha, ora como ser maléfico, ora como feiticeira capaz de cuidar dos doentes, mas nunca numa posição de altivez, que inspire respeito, como

geralmente as personagens masculinas foram representadas, é explorada na mitologia e no folclore como observa Sônia Mascaro (2004): “a velhice idealizada e prestigiada é representada na maioria das vezes pela imagem do homem idoso, cheio de vigor, bondade e sabedoria, enquanto a imagem da velhice feminina é identificada inúmeras vezes com o lado negativo e sombrio da vida” (MASCARO, p.16, 2004).

As questões que envolvem a velhice feminina, contudo, não estão circunscritas a imagem do corpo, que relacionadas à beleza e juventude, acabam por objetificá-lo. A subjetividade da mulher idosa, geralmente silenciada pela cultura hegemônica, ganha destaque na escrita de autoria feminina ao questionar a ideologia dominante, denunciando a solidão, e o abandono na velhice, como possibilidade de reconfigurar os espaços definidos pelo patriarcado.

### **A morte da velha**

“A morte da velha” integra a obra *Ânsia eterna* (1903), de Julia Lopes de Almeida, uma das escritoras do século XIX excluídas, apesar de sua vasta produção que reúne dez romances, três coletâneas de narrativas curtas, três compilações de crônicas, quatro peças de teatro, três seleções de contos infantis, e seis livros diversos (contos, ensaios, conferências) (RUFFATO, 2017; SILVA, 2014). Bastante lida e conceituada no meio literário, a escritora tornou-se conhecida pelos temas corriqueiros tratados em sua obra, como os costumes burgueses e o espaço doméstico, evidenciando a vida das mulheres.

Em sua extensa obra, três livros se destacam, segundo Lúcia Miguel Pereira: *A família Medeiros*, *A falência* e *Ânsia eterna*, devido à naturalidade dos diálogos e à verdade do ambiente, compensam o que pode haver de convencional nas personagens e situações, a crítica acrescenta que: “Os contos de *Ânsia eterna* parecem todavia a sua melhor obra, aquela em que, sem nada a perder de sua singeleza, ela aproveitou com mais arte os seus recursos de escritoras e deixou mais patente a sua sensibilidade” (PEREIRA, 1973, p.271).

Vale salientar, no entanto, que a condição feminina ganha relevo em seu texto, pela reconfiguração das identidades que permitem novas interpretações e questionamento dos valores sociais e morais que eram impostos às mulheres. D. Júlia, como era conhecida entre seus amigos literatos, embora se insira na proposta de uma construção nacional baseando-se na homogeneização do eugenismo à época, numa posição que dialoga com a ideologia dominante, de forma ambígua também insurge contra os modelos convencionais ao abordar personagens de classes menos favorecidas, enunciando vozes dissonantes e corpos indeterminados. Embora fizesse parte da classe burguesa que integrava a elite intelectual do final do



século XIX e início do século XX, a escritora destacou-se por expor os corpos silenciados, como afirma Vanina Eisenheart:

[...] ao contrário da maioria da elite literária da época, Almeida foi, como seus contemporâneos Lima Barreto e Euclides da Cunha, um dos poucos escritores a retratar não só a classe burguesa, mas também os pobres e marginalizados, e inclusive mulheres de diferentes estratos sociais. (EISENHEART, 2006, p.48)

O conto “A morte da velha” narra a vida da personagem idosa tia Amanda e o abandono em que se vê submetida pela família, em decorrência de sua velhice. A escritora antecipa as discussões sobre a construção social do gênero ao expor a subjetividade da velhice feminina e suas particularidades, a descrição do corpo envelhecido pelo tempo e principalmente pelo trabalho doméstico: “corpo pesado, grosso, baixo e curvado; pés e mãos inchados, pernas paralíticas – tal era a velhinha cuja vida deslizará entre sacrifícios, que ela na sua vida de religiosa espera ver transformado em flores no céu” (ALMEIDA, 2019, p.94). Constatamos o discurso da pobreza, doença e abandono, inerentes ao pensamento higienista da época, sobre a velhice. O conto, no entanto, não se limita ao discurso biológico do corpo feminino determinado e demonstra uma rearticulação dos valores sociais, apontando as opressões do domínio patriarcal, como um aspecto da escrita de D. Júlia, Vanina Einheart afirma:

Eis o estilo de Júlia Lopes de Almeida, que, utilizando os modelos convencionais masculinos, apresenta uma ficção feminina que reúne os movimentos literários e ideologias sociais e científicas de sua época adaptando-as a um feminismo que não é confrontante com os padrões vigentes, mas também certamente não se enquadra nos “bastidores” do patriarcado brasileiro. (EINHEART, 2006, p.50)

A protagonista, uma mulher que havia cuidado do irmão e de suas filhas, as quatro sobrinhas, trabalhando para mantê-las, é relegada ao desespero de ser deixada em sua casa sozinha, quando essa é acometida por um incêndio, e revoltada por ser esquecida pela família e mesmo com a tentativa de um bombeiro em salvá-la, resolve entregar-se ao fogo, abandonada:

O calor afogueava a sua face, onde há muito não subia o sangue; no meio daquela solidão pavorosa, ouvindo o crepitar da madeira em uns estalidos secos, a bulha surda de uma ou de outra viga que se desmoronava, o luf-luf da chama que subia, a velha sorria com ironia, lembrando-se da precaução do Luciano em arrecadar as coisas que ela, a irmã abandonada, lhe ajudara a ganhar... E voltou de novo a olhar para a janela; então, entre o fumo já espesso, viu desenhar-se ali uma figura de um homem. O coração bateu-lhe com alegria. – É Luciano que se lembrou de mim!... Era um bombeiro que lhe estendia a mão, chamando-a. A velha fez-lhe um gesto, – que se retirasse! Nisso, um rolo de fumo negro interpôs-se entre ambos, como um véu de crepe. Perdera-se de vista. O bombeiro voltou para fora, quase asfixiado. A velha fechou os olhos e esperou a morte. (ALMEIDA, 1903, p.130)



O sorriso de ironia da protagonista tia Amanda, revela a constatação da personagem sobre o desprezo da sociedade em relação à velhice, sendo algo que parece concernir apenas ao *outro*, o que acaba por impedir-nos de ver os velhos como nossos semelhantes. A decisão de entregar-se ao fogo, como um ato de decidir sobre a própria vida revela também um outro aspecto da subjetividade da personagem, que inconformada com a degradação com a qual lhe impuseram, resolve atuar sobre o próprio destino. Enquanto ajudou o irmão, com a renda de seu trabalho tia Amanda foi útil, mas em sua impossibilidade foi descartada qual um objeto. Simone de Beauvoir, analisando sobre essa relação de utilidade do sujeito, numa sociedade que marginaliza o idoso, afirma que: “a economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois é jogado fora” (BEAUVOIR, 1970, p.13).

Se por um lado o conto dialoga com o tratamento dispensado ao idoso em diferentes tradições literárias, por outro evidencia a velhice feminina atravessada por diversas questões, particularizadas pelas especificidades da sociedade brasileira. Abordar aspectos da condição feminina, como a velhice, refletindo a perspectiva da mulher idosa, pode ser lido como uma estratégia de redefinir os contornos de uma estrutura patriarcal que silencia a importância e a atuação das mulheres na constituição da sociedade, bem como demonstrar sua inserção num modelo de família que ignora sua participação na constituição da História.

Segundo Guita Debert, “se gênero e relacional e performático gênero e idade são cruciais para entendermos certas categorias sociais como a velhice particularmente a situação da mulher idosa” (DEBERT, 1994, p.33). Relacionar, portanto, gênero e envelhecimento, sobretudo no início do século XX, no Brasil, em que as mulheres ainda buscavam emancipar-se economicamente, e a maioria ainda era analfabeta e não podiam participar das decisões políticas – o voto só se tornaria uma realidade em 1934 – é colocar-se diante de duas perspectivas distintas de “conceber a experiência feminina e o avanço da idade” (DEBERT, 1994, p.33).

A personagem, a despeito de sua idade e a limitação de pés e mãos inchados e pernas parálitica não parava de trabalhar: “cosia as meias de toda a gente de casa, cortava papéis de balas para uma vizinha doceira e rendas para os pudins das confeitarias” (ALMEIDA, p.95, 2019). Vale ressaltar que mesmo na esfera privada, muitas dessas mulheres contribuíram com seu trabalho, é o que confirma a personagem Amanda, que realizava trabalhos para ajudar no sustento da família: “Ganhava pouco, e esse pouco dava-o, tão habituada estava desde moça a trabalhar para os outros”. (ALMEIDA, 2019, p. 95). A situação da personagem representa a realidade de muitas mulheres da época, que além de realizar os serviços

domésticos, ainda trabalhavam como operárias, em péssimas condições, como confirma Maria Amélia Teles, sobre a mulher na primeira República (1889-1930): “A mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores (...) Lutavam juntamente com os homens, embora suas conquistas fossem sempre menores” (TELES, p.42, 1993).

A feminização da velhice, é analisada por Carmem Salgado (2002), ao refletir sobre a pobreza e solidão nessa etapa da vida, pois a pobreza é também, segundo a autora, sinônimo de desigualdade, privação ou necessidade. Salgado, examinou que a população idosa é pobre pela definição social comum da saída do mundo do trabalho e da entrada em um mundo de recompensas, aposentadorias ou serviços sociais. Levando em consideração que a aposentadoria no Brasil só passou a ser uma realidade, a partir de 1923, concluímos que o abandono e a solidão das mulheres como a personagem Amanda, era ainda mais severa.

O tratamento dispensado à personagem pelos familiares suscita a questão que da violência física e simbólica em que os velhos são submetidos. Guita Debert (2012) analisando uma pesquisa realizada nas Delegacias de Polícia de Proteção aos Idosos em São Paulo, em 1995, em que a violência nelas denunciada, é cometida principalmente por parentes que convivem na mesma unidade doméstica, confirma que o fato de os idosos morarem com os filhos, sobrinhos, e irmãos, não é garantia de respeito e cuidado. O conto revela:

Apesar de muitíssimo idosa, a pobre senhora tinha apego à vida; já muito confusa das ideias, completamente inerte, tinha impertinências, ralhava lá de sua cadeira de rodas com toda a gente: esta porque não lhe dava água, aquela porque lhe apertara de propósito o cós da saia, aquela outra porque lhe deitava veneno na comida. (ALMEIDA, 2019, p.97)

A personagem Tia Amanda, que sempre cuidou do irmão e das sobrinhas como uma mãe, também ajudava uma viúva pobre com sete filhos e uma comadre tísica, que mensalmente iam buscar o auxílio que ela conseguia através de seu trabalho. Impossibilitada, contudo, de continuar trabalhando, pela perda de memória e a debilitação corporal que pouco a pouco foi se manifestando, pois “a sua tesourinha já não mais se movia com tanta delicadeza, as mãos tornaram-se-lhe mais pesadas, a vista enfraqueceu” (ALMEIDA, 2019, p.95), ela sentiu-se desolada: “Nesse dia a pobrezinha chorou. O irmão não lhe dava nada...como poderia ela socorrer as desgraçadas que até então protegera?” (ALMEIDA, 2019, p.95). Sem coragem de lhes contar a verdade, prometeu que no dia seguinte mandaria alguma coisa: “E no outro dia mandava o que a casa de penhores lhe dera pelo seu relógio antigo, e que ela tinha destinado para a primeira sobrinha que se casasse” (ALMEIDA, 2019, p.95). Lucianinho, seu irmão, no entanto, ficou bastante indignado ao saber que sua irmã havia penhorado

bens, “como se não tivesse o que comer em casa” (ALMEIDA, 2019, p95), preocupado com o que as pessoas pudessem achar, ele dirigiu-se a ela em tom de ameaça: “Tome cuidado!” (ALMEIDA, 2019, p.96).

Embora a idosa fosse mais velha que o irmão, a forma como ele a trata, revela como as relações estão organizadas na ideologia patriarcal, sobretudo na época, início do século XX, infantilizando as mulheres e obliterando sua capacidade de tomar decisões: “Ela curvava a cabeça ao irmão, e obedecia-lhe, e temia-o” (ALMEIDA, 2019, p.96). Para Maria Angélica Lopes (1989), Julia Lopes de Almeida apresenta-se através de um feminismo patriarcal, cujo chefe de família é o homem e a mulher deve conservar-se nos bastidores, Vanina Eisenhart (2006), por seu turno, oferece uma análise que contrapõe essa ideia de que a mulher atua apenas nos bastidores, pois a casa, e o mundo privado que ela representa, pode ser definida como o palco onde são tomadas as principais decisões dessas personagens femininas. Julia Lopes de Almeida, para essa autora, revela personagens que são capazes de tomar importantes decisões, e aqui podemos confirmar pela forma como tia Amanda, a despeito da submissão imposta pelo comportamento da família em relação a sua velhice, mantém-se trabalhando e ajudando outras mulheres, penhorando bens que adquiriu às custas do seu trabalho.

### Considerações finais

A representação do corpo envelhecido, na literatura de autoria feminina, localizada no início do século XX, demonstra como Julia Lopes de Almeida, embora pertencente a uma sociedade patriarcal, buscou trazer ao debate as experiências femininas, e as subjetividades corporais obliteradas pelo cânone literário. *Ánsia eterna* (1903) consiste num livro em que a escritora rompe com os padrões em que até o momento pareceu circular em seus livros; as narrativas abordam temas considerados tabus na época, e o corpo feminino aparece em evidência em muitos dos contos, sob diversas perspectivas. O estupro, a abjeção, a violência, o racismo, as relações de gênero e a velhice, assuntos que representavam a realidade da sociedade carioca, mas que eram camuflados pelo higienismo e pelas teorias vigentes como o positivismo e o darwinismo social, temas que se presentificam na obra

Refletir, dessa forma, como a literatura está inserida num movimento entre a experiência vivida e a ficção, nos auxilia a repensar e modificar a nossa percepção a respeito da literatura como um fenômeno social inserido num contexto de hegemonia do patriarcado. A historiografia literária brasileira, constituída à revelia das mulheres, apresenta muitas lacunas, pois diversos trabalhos de recuperação da escrita feminina no Brasil demonstram um número considerável de escritoras, algumas apesar de não possuírem acesso à educação formal,

produziram poesias, romances, crônicas, ensaios e embora repetissem a tradição literária europeia, muitas construíram um espaço de enunciação, e outras que fizeram parte da elite, como Julia Lopes de Almeida e se apropriaram do discurso dominante fazendo vislumbrar a diversidade que constitui a condição feminina.

#### **CUERPO SILENCIADO: ABANDONO Y SOLEDAD EN EL CUENTO “A MORTE DA VELHA”, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA**

**RESUMEN:** La literatura brasileña de autoría femenina, históricamente silenciada, redefine la representación del cuerpo femenino envejecido a través de políticas corporales que desarticulan el sesgo universalizador y totalizador, asumido por el canon literario. A partir del análisis del cuento 'A morte da Velha', que forma parte de la obra *Ânsia Eterna* (1903), de Julia Lopes de Almeida, ubicada a finales del siglo XIX y principios del XX, examinaremos la condición femenina, y la vejez entrelazada con cuestiones de género. Como soporte teórico, utilizaremos estudios sobre la vejez: (Simone de Beauvoir, 1990); (Guita Debert, 2012); estudios de género (Judith Butler, 2010) y crítica literaria feminista (Rita Terezinha Schmidt, 2017).

**PALABRAS-CLAVE:** Cuerpo envejecido; autoría femenina; relaciones de género.

#### **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Julia Lopes. *Ânsia eterna*. Rio de Janeiro: vermelho Marinho, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 3. ed. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BORDO, Susan. *The flight to objectivity*. Albany: State University of New York Press, 1987.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. In: *Gênero, identidade e hibridismo cultural: enfoques possíveis*. Ilhéus: Editus, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martin Fontes. 1983.
- EISENHART, Vanina. Primeira-Dama Tropical: a cidade e o corpo feminino na ficção de Júlia Lopes de Almeida. *Mester*, vol. XXXV, 2006.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 14, p. 45- 86, 2000.
- LOPES, Maria Angélica. Júlia Lopes de Almeida e o trabalho feminino na burguesia. *Luso-Brazilian Review* 26.1. 1989.
- MASCARO, Sônia de. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: Jose Olympio. 1973.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramento/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto

Alegre: UFGRS Editora, 2017

SCHMIDT, Simone. Longa vida ao trabalho contra a morte e o esquecimento. In: MURZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. III. Florianópolis: Editora Mulheres.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa. Buarque de (Org.). *Tendências e impasses o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

*Recebido em: 30/10/2021.*

*Aprovado em: 06/12/2021.*